

# Maria Borracheira

*Rosana Rios*



Ilustrações  
*Lúcia Brandão*

**edelbra**

1ª edição, 1ª impressão

Coordenação editorial:

*Elaine Maritza da Silveira*

Projeto gráfico:

*YOYO ateliê gráfico*

Revisão:

*Renato Deitos*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R453m

Rios, Rosana, 1955-

Maria Borralheira / Rosana Rios ; ilustração Lúcia  
Brandão. - Porto Alegre, RS : Edelbra, 2014.  
48 p. : il. ; 23 cm. (Quem foi que disse ; 3)

ISBN 978-85-66470-68-0

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Brandão, Lúcia. II.  
Título. III. Série.

14-16062

CDD: 028.5

CDU: 087.5

2014

**Edelbra**

[www.edelbra.com.br](http://www.edelbra.com.br)

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | [cae@edelbra.com.br](mailto:cae@edelbra.com.br)

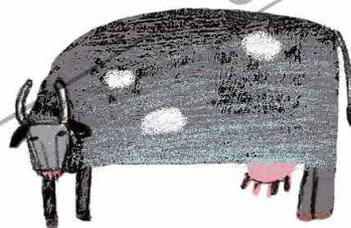
*Todos os direitos reservados.*

*Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada,  
por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.*

*Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.*

FSC

RESPEITE O DIREITO AUTURAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98



# Maria Borracheira

*Conto de fadas recontado por  
Rosana Rios*

*Ilustrações  
Lúcia Brandão*

**edelbra**

RESPEITE O DIREITO AUTURAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98





*Os contos de fadas são histórias antigas, que nasceram na tradição oral e durante séculos viajaram por vários países na memória das pessoas, até chegarem aos livros. Por isso, cada conto é narrado de muitas maneiras diferentes.*

*Uma das narrativas mais conhecidas de todos os tempos fala sobre uma garota que é maltratada pela madrasta e que deve experimentar um sapatinho para provar que é a escolhida do filho do rei... A versão que vamos contar possui esses elementos, porém é bem diferente daquela que já virou filme e desenho animado! Embora seja um conto de fadas, esta variante não inclui uma fada madrinha; mas nela aparecem três velhinhas muito estranhas, além de pés de gente com cascos de cavalo e outras transformações bizarras... Venha agora conhecer este lado diferente da história!*







edelbra  
edelbra  
edelbra  
edelbra  
edelbra  
edelbra  
edelbra  
edelbra  
edelbra  
edelbra

*Era* uma vez uma linda menina chamada Maria, que vivia com a mãe e o pai.

Um dia, a mãe de Maria adoeceu e morreu. A garota e seu pai ficaram muito tristes, e ela sempre ia se consolar com a única herança que recebeu da mãe: uma vaquinha que, além de dar leite, era encantada.

Todos os dias, Maria ia ter com a vaquinha, que conversava com ela e a consolava.

O tempo passou. E uma vizinha viúva, que tinha duas filhas, começou a agradar Maria: chamava a menina para sua casa e lhe dizia que, se falasse com seu pai, ele poderia casar-se com ela e todos viveriam juntos. Maria achou a ideia boa e foi pedir ao pai que se casasse de novo, pois a vizinha a tratava muito bem.

— É melhor ficar como estamos — respondeu-lhe o pai. — Hoje ela dá a você papinhas de mel, amanhã dará papinhas de fel!

No entanto, com a insistência da garota e da vizinha, ele acabou concordando e tratou o casamento com a viúva.

No começo tudo deu certo e as três meninas brincavam juntas. Porém a madrasta logo viu que sua enteada ia crescendo e se tornando uma mocinha bela e inteligente, enquanto suas filhas se mostravam desajeitadas e egoístas. Com raiva, ela passou a maltratar Maria, obrigando-a a fazer todos os serviços da casa. Mandava-a buscar água, trazer lenha, varrer, lavar, fiar, costurar, cozinhar.

Nem quarto a menina possuía mais: tinha de dormir na cozinha, e no tempo frio o único jeito de se esquentar era se aninhar junto com as cinzas ainda quentes do fogão. Como essas cinzas são chamadas de borralho, as filhas da madrasta lhe deram o apelido de Maria Borralheira.

Maria levantava cedo e dormia tarde; trabalhava o dia todo, sem parar. A única que a consolava daquela vida de trabalhos era sua amiga, a vaquinha falante.

Um dia, a madrasta lhe entregou um grande fardo de algodão e ordenou que fiasse tudo

aquilo até a noite. Desesperada, Maria foi ao estábulo e contou tudo à vaquinha, que lhe disse:

— Traga o algodão aqui, eu sei como ajudar.

Quando Maria levou o algodão, a vaquinha começou a comê-lo; depois de engolir tudo, começou a pôr para fora vários novelos de lã de algodão, enroladinhos e branquinhos!

Maria levou os novelos para a madrasta, que ficou cismada. Num outro dia, deu para a enteada um cesto cheio de linhas e mandou que fizesse rendas com elas; teria de terminar todo o trabalho até aquela noite.

A menina levou as linhas para os estábulos e, de novo, a vaquinha as engoliu, pondo para fora metros e metros de uma renda lindamente tecida.

Mais cismada ainda, a madrasta resolveu colocar as filhas para vigiar a Borracheira.

Deu-lhe, então, um cesto vazio e mandou que o enchesse de água. Maria não sabia como fazer isso, pois a água escaparia pelos furos; mas foi conversar com a vaquinha. Ela lhe disse que daria um jeito, e, realmente, quando a menina colocou água ali dentro, o líquido não escapava!



Levou a água para casa, sem saber que suas meias-irmãs haviam espionado tudo e tinham ido correndo contar à mãe que era a vaca mágica quem realizava as tarefas de Maria.

— Deixe estar — disse a malvada mulher, rindo consigo mesma.

No dia seguinte, ela foi se queixar ao marido de que estava com vontades. E a maior de todas as vontades era comer a carne de uma certa vaquinha que morava nos estábulos...

O homem ficou bem desconfiado: será que sua nova esposa estava grávida, com todos aqueles desejos? Pelo sim, pelo não, resolveu atendê-la e avisou a todos que mandaria matar a vaca.

Maria Borracheira ficou desesperada. Sua única amiga, a herança da saudosa mãe, iria morrer? Mas não adiantou nem pedir nem chorar, a decisão do pai estava tomada.

Foi, então, contar tudo o que acontecera à fiel amiga.

— Não se preocupe — disse-lhe a vaquinha. — Você deve fazer o seguinte: quando me matarem, deve oferecer-se para ir lavar as minhas tripas no rio...

E deu-lhe várias instruções sobre o que encontraria no meio das tripas e o que deveria fazer em seguida.

Assim se fez. No dia em que mataram a vaca, Maria foi à madrastra e se ofereceu para ir lavar as tripas. A cruel mulher respondeu:

— Ora, quem mais haveria de lavar isso senão você, que é uma porca?

Maria não fez caso da ofensa. Colocou as tripas da vaca numa gamela de madeira e foi ao rio lavá-las. Junto às águas, fez exatamente o que a vaquinha havia lhe explicado: procurou no meio das tripas até que achou uma varinha de prata, que era mágica. Guardou-a no bolso e então deixou a gamela boiar no rio.

A correnteza levou o recipiente de madeira até que ele parou perto de uma casinha muito pobre e maltratada. Ainda seguindo as instruções da vaca mágica, Maria entrou na casa e lá encontrou vários gatos e cachorrinhos, todos magros e famintos.

Com pena dos animais, Maria cuidou deles, deu-lhes de comer e beber, e ainda limpou e arrumou toda a casa, que ficou um brinco. Estava



quase terminando o serviço quando ouviu passos e vozes; escondeu-se atrás da porta, de onde podia observar sem ser vista.

As donas da casa eram três velhinhas, muito idosas e atrapalhadas. Ao ver a casa arrumada e os animais alimentados, ficaram tão felizes que começaram a *fadar*, pois eram encantadas.

— Manas, fademos, manas — disse a mais moça das três. — Eu fado que quem nos fez esse bem ganhe um par de chapins de ouro!

Na mesma hora apareceram nos pés de Maria os chapins dourados, belos e elegantes sapatos femininos.

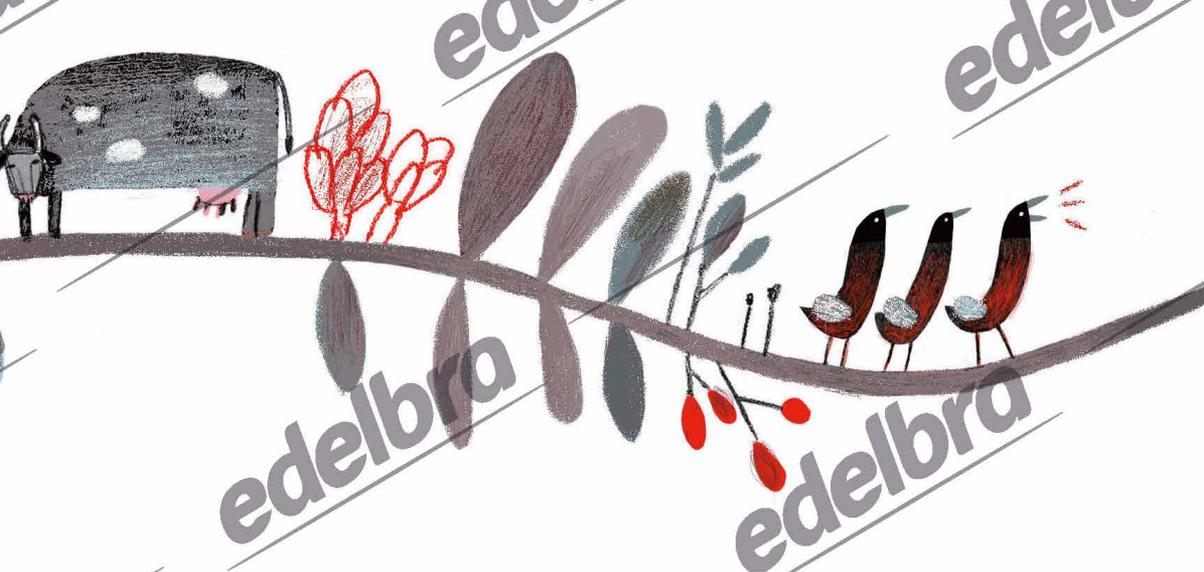
E a velhinha do meio também fadou:

— Manas, fademos, manas! Eu fado que quem cuidou dos nossos bichos ganhe uma estrela de ouro na testa!

Imediatamente, Maria sentiu uma estrela dourada surgir em sua testa.

Quanto à terceira velhinha, a mais idosa das três, declarou:

— Manas, fademos, manas: eu fado que quem cuidou da nossa casa possa soltar faíscas de ouro da boca, sempre que falar!



Com a palavra,  
Maria





RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

*Sempre* segui os conselhos da minha única amiga, a vaquinha que mamãe me deixou, mas desta vez acho que ela está muito, muito enganada.

Vejam só: desde que minha mãe morreu, a casa está quase abandonada. Eu faço o que posso, mas falta alguém aqui para organizar tudo, cuidar da arrumação, das compras, da cozinha.

Meu pai, então, vive tão solitário! Só trabalha sem parar e sai em suas viagens, com aquele seu jeito triste e desajeitado.

Por isso, é claro que fiquei feliz quando a vizinha me chamou para ir à casa dela e tomar chá com as suas duas filhas. Foi tão bom! Ela me serviu bolos e frutas. Brinquei com as meninas durante a tarde toda, e uma vez na vida não me senti tão infeliz.

*passé* — *Les Contes de ma Mère l'Oie* (Histórias do tempo passado — Contos da Mamãe Gansa), sob o nome *Cendrillon*. Já os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm chamaram a órfã maltratada de *Aschenputtel*. O apelido, Gata Borralheira, parece ter origem nas versões italianas, em que a moça se chama *Cenerentola*. Há mesmo uma ópera de 1817 do autor italiano Gioachino Rossini com esse título.

A história varia muito em cada reconto.

Enquanto na história de Perrault encontramos a madrinha (que é, na verdade, uma fada, e dá a *Cendrillon* um par de sapatos de vidro), os Grimm contam que *Aschenputtel* planta um ramo de aveleira que ganhou do pai. A árvore resultante desse ramo abriga um pássaro mágico, que lhe traz belas roupas e um par de sapatos de ouro. É também da versão de Perrault que vem a abóbora transformada em carruagem. Já em Grimm lemos sobre o castigo das irmãs, cujos olhos são furados pelos pássaros amigos da garota. Diz-se que a árvore, o peixe ou a vacuinha são representações do espírito da mãe da menina, que a protegeria da madrasta e lhe obteria um bom casamento.

Já na versão brasileira, que usamos como o ponto de partida deste livro, a garota se chama Maria; a história foi registrada pelo folclorista Sílvio Romero, em Sergipe, mas suas fontes vêm de Portugal. Nas variantes portuguesa e brasileira, a garota também recebe a alcunha de Borracheira e possui uma vaquinha miraculosa — que lembra, às vezes, o asno do conto “Pele de Asno”.

Nessas narrativas em língua portuguesa, também aparecem as provas pelas quais a madrasta obriga a menina a passar. Essas provas são bem comuns em antigos mitos, e as tarefas que Maria precisa realizar se parecem muito com os trabalhos que a ciumenta deusa Afrodite exige da jovem Psiquê (que se tornou esposa de seu filho), no mito grego Eros e Psiquê.

Em 1950, os estúdios Disney produziram um desenho animado que se tornaria o padrão para muitos recontos de Cinderela. Como em várias animações da Disney, a personagem-título tem amiguinhos animais e, em seu roteiro, o conto foi bem simplificado. Na maioria das versões, por exemplo, há três bailes no palácio — ou três festas na igreja —, enquanto no desenho há apenas um.

Nestas obras, podemos encontrar algumas das várias formas como essa história é contada: *Cinderela*. Texto em português de Penteadó, Maria Heloisa. São Paulo: Ática, 1992.

*Cinderela*. Recontado por Nicoletis, Giselda Laporta. São Paulo: Ed. Moderna, 1997.

Cinderella. In: *Complete Brothers Grimm Fairy Tales, The*. New York: Gramercy Books, 1996.

Cinderella. In: *Complete Fairy Tales of Charles Perrault, The*. New York: Clarion Books, 1993.

Cinderela. In: *Volta ao mundo em 52 histórias*. Phillip, Neil. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

Gata Borralheira, A. In: *Contos da Carochinha*. Pimentel, Figueiredo. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma Ed., 1958.

Gata Borralheira, A. In: *Mais belos contos de fadas portuguesas, Os*. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi Ltda, s/d.

Maria Borralheira. In: *Contos Populares do Brasil*. Romero, Silvio. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. Itatiaia/Edusp, 1985.

## Rosana Rios

A bela adormecida no bosque foi uma das primeiras histórias que li quando era criança. Eu morava na cidade de São Paulo, onde nasci, em uma casa pequena que tinha um quintal delicioso; lá eu sempre encontrava algum canto ensolarado onde podia ler. E reli tantas vezes a história da princesa que dormia cem anos, e que tinha uma sogra antropófaga, que ela se tornou uma das minhas favoritas. Naquela época, eu não imaginava que me tornaria escritora, e muito menos que um dia pesquisaria as várias versões dessa história para recontar! Continuo morando em São Paulo. Hoje tenho mais de 140 livros publicados, em quase 30 anos de carreira. No decorrer dos anos, consegui formar uma biblioteca enorme. E ainda adoro ler contos de fadas de todas as partes do mundo, em suas muitas versões, ilustrados ou não. São eles que alimentam os meus sonhos e os meus livros. Quer conhecer alguns deles? É só visitar o blog:  
<http://rosanariosliterature.blogspot.com.br/>

## Lúcia Brandão

Nasci em São Paulo e desde sempre gostei de desenhar. Logo cedo, resolvi ser ilustradora de livros. Já desenei muitos livros, nem sei exatamente quantos. Ilustrar a *Maria Borracheira* me fez lembrar da minha infância com minhas duas irmãs. Éramos três mulheres e quatro homens e, aos nove anos de idade, fui eleita a lavadora de louças oficial da casa, porque eu realmente gostava da tarefa, e todos os outros irmãos faziam cursos que lhes tomavam o dia todo, e alguns já trabalhavam. Só ficávamos eu e minha mãe cuidando da casa. Foi assim durante muitos anos e diversas vezes lembrei a história da Maria Borracheira, que não era igual à minha, mas bem parecida.

Com o tempo, passei a achar que todos deveriam ajudar em casa e cada um deveria encontrar um tempinho para isso. Assim, fui encontrando cada vez mais tempo para me dedicar aos desenhos, até que, aos 17 anos, levei meu portfólio a um grande jornal de São Paulo, e fui contratada para meu primeiro trabalho. E depois vieram todos os outros.

Adorei criar imagens para esta história. Trabalhei com tinta acrílica, lápis de cor, grafite e fui misturando tudo no Photoshop. Foi um grande prazer fazer essas ilustrações.

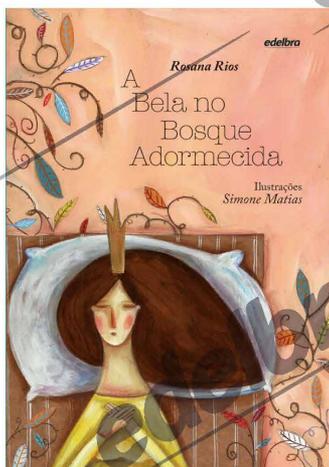
# Coleção Quem foi que disse

Contos de fadas recontados por  
*Rosana Rios*

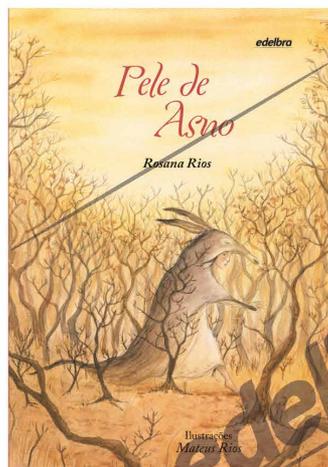
Contos de fadas fazem parte do patrimônio cultural da humanidade, e são muitas as versões que circulam pelo mundo inteiro. Nesta coleção, a autora vai além do reconto e dá voz a alguns personagens.

O que as princesas diriam? Que explicações dariam a madrasta da Borracheira e a sogra da Bela Adormecida para suas maldades?

A partir da alteração do foco narrativo, é possível mergulhar na história pelo ponto de vista das personagens, num exercício lúdico que amplia a leitura e instiga a imaginação do leitor.



*A bela no bosque  
adormecida*

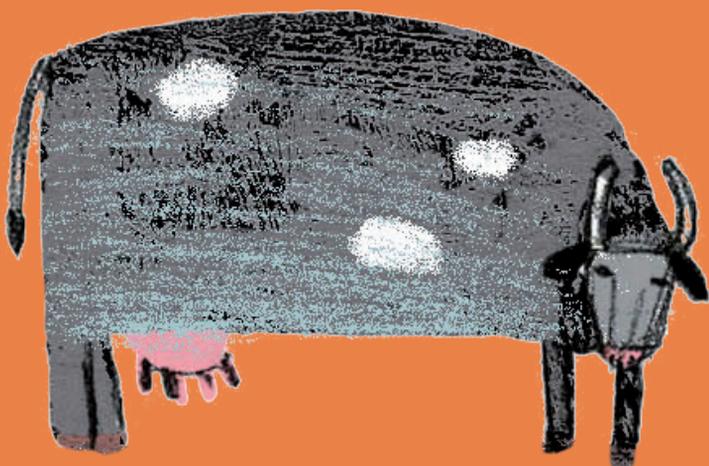


*Pele de Asno*

*Coleção  
Quem foi  
que disse*

O que Borracheira pensava sobre a madrasta e por que razão não seguiu os conselhos de sua vaquinha? Que explicação tem a madrasta para transformar sua enteada em criada?

Uma mesma história pode ser contada de muitas formas. Depende de quem conta o conto...



***edelbra***

ISBN 978-85-66470-68-0

